

“La condenada” e “La pared”, de Vicente Blasco Ibáñez

Tradução e apresentação de Marina Giosa Azevedo¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Rosangela Fernandes Eleutério²
Universidade Federal de Santa Catarina

Vicente Blasco Ibáñez (1867-1928) foi escritor, jornalista e político espanhol. Autor de mais de quarenta obras entre contos e romances, em seus textos há a presença de temas desconcertantes, descrição de ambientes sórdidos e personagens com fortes traços psicológicos. Outra característica marcante de seus textos literários é o caráter de denúncia, de crítica às questões sociais, políticas e algumas vezes religiosas, que marcaram a Espanha nos finais do século XIX.

Os contos aqui traduzidos possuem esses aspectos citados referentes ao seu estilo literário, como o conto “La pared” (1896), que traz o tema das brigas históricas de forma irônica e ao mesmo tempo trágica e cômica. No pequeno vilarejo valenciano chamado “Campanar”, duas famílias vizinhas são rivais há tantas décadas, que as novas gerações lutam entre si sem conhecerem as motivações dessas brigas. O desenlace dessa narrativa leva o leitor a uma reflexão sobre o indivíduo, suas heranças familiares e a crueldade (e insanidade) das guerras.

O conto “La condenada” (1903), que embora trate da condenação de um homem, mostra como as mulheres são as principais prejudicadas em decisões jurídicas e políticas, que as envolvem direta e indiretamente. Trata-se de uma crítica ao sistema judiciário, a execuções de leis e uma política excludente, que tem o corpo feminino como propriedade masculina e submissa ao estado.

La pared

Sempre que os netos do tio Rabosa se encontravam com os filhos da viúva de Casporra entre os canteiros da horta ou nas ruas de Campanar, toda a vizinhança

¹ Mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: marinagiosa@hotmail.com.

² Doutoranda em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CAPES. E-mail: rosangelaeleuterio@gmail.com.

comentava o acontecimento. Se olharam!... Se insultaram com o gesto!... Aquilo acabaria mal e no dia menos esperado o povo sofreria um novo desgosto.

O prefeito, com os vizinhos mais notáveis, aconselhava paz aos rapazotes das duas famílias inimigas e por lá ia o padre, um velhote de Deus, de uma casa a outra, recomendando que esquecessem as ofensas.

Trinta anos que as divergências dos Rabosas e Casporras deixavam Campanar alvoroçada. Quase nas portas de Valência, no risonho povoado que desde as margens do rio olhava a cidade com as redondas janelas de seu campanário pontudo, aqueles bárbaros repetiam, com um rancor africano, a história de lutas e violências das grandes famílias italianas na Idade Média. Haviam sido grandes amigos em outro tempo. Suas casas, ainda que situadas em ruas diferentes, limitavam pelos currais, separadas apenas por um muro baixo. Uma noite, na horta, por questão de irrigação, um Casporra acertou com a espingarda um filho do tio Rabosa, e o filho menor deste, para que não dissessem que na família não há homens, conseguiu, depois de um mês de perseguição, colocar uma bala no meio da testa do matador. Desde então, as duas famílias viveram para se exterminar, preocupadas mais em aproveitar os descuidos do vizinho que com o cultivo das terras. Tiros de espingardas no meio da rua; tiros que ao anoitecer relampejavam desde uma acéquia ou detrás do canavial ou ladeiras quando o odiado inimigo voltava do campo; uma vez ou outra, um Rabosa ou um Casporra seguia a caminho do cemitério com uma bala de chumbo dentro do couro. E a sede de vingança sem extinguir-se, mas sim indo ao extremo com as novas gerações, pois parecia que nas duas casas os pequeninos saiam do ventre de suas mães trazendo nas mãos a espingarda para matar os vizinhos.

Depois de trinta anos de luta, na casa dos Casporras só ficara uma viúva com três rapazotes que pareciam montes de músculos. Na outra estava o tio Rabosa, com seus oitenta anos, imóvel em uma cadeira de esparto, com as pernas mortas pela paralisia, como um enrugado ídolo da vingança, ante o qual seus netos juravam defender o prestígio da família.

Mas os tempos eram outros. Já não era possível ir a tiros, como seus pais, em plena praça, na saída da missa do domingo. A guarda civil não os perdia de vista; os vizinhos os vigiavam, e bastava que um deles parasse alguns minutos em uma ruela ou em uma esquina para ver-se em um momento rodeado de pessoas que aconselhavam a paz. Cansados dessa vigilância, que degenerava a perseguição e se interpunha entre eles

como infranqueável obstáculo, Casporras e Rabosas acabaram por não se procurarem, e até se esquivavam quando a casualidade os colocava frente a frente.

Tal foi o desejo de afastar-se e não se ver, que pareceu baixa a parede que separava seus corrais. As galinhas de uns e outros, escalando as montanhas de lenha, fraternizavam no alto das cercas; as mulheres das duas casas trocavam da janela gestos de desprezo. Aquilo não podia continuar; era como viver em família, e a viúva de Casporra fez com que seus filhos levantassem mais um palmo da parede. Os vizinhos se apressaram em manifestar seu desprezo com pedra e argamassa, e acrescentaram alguns palmos a mais na parede. E assim, nessa muda e repetida manifestação de ódio a parede foi subindo e subindo. Já não se viam as janelas; pouco depois não se viam os telhados; as pobres aves do quintal estremeciam na lúgubre sombra daquele paredão que lhes escondiam parte do céu, e seus cacarejos soavam tristes e apagados através daquele muro, monumento de ódio, que parecia amassado com os ossos e o sangue das vítimas.

Assim transcorreu o tempo para as duas famílias, sem agredir-se como em outra época, mas sem aproximar-se; imóveis e cristalizadas em seu ódio.

Uma tarde soara as badaladas do sino do povoado. Ardia a casa do tio Rabosa. Os netos estavam na horta; a mulher de um deles, na lavandeira, e pelas grades das portas e janelas saía uma fumaça densa de palha queimada. Dentro, naquele inferno que rugia buscando expansão, estava o avô, o pobre tio Rabosa, imóvel em sua cadeira. A neta arrancava os cabelos, acusando-se como culpada pelo descuido; as pessoas se aglomeravam nas ruas assustadas pela força do incêndio. Alguns, mais valentes, abriram a porta, mas foi para recuar perante a baforada de fumo carregada de chispas que se espalhou pela rua.

– O vovô! O pobre vovô! – gritava a moça dos Rabosas, buscando em vão com o olhar por um salvador.

Os assustados vizinhos experimentaram o mesmo assombro que se houvessem visto o campanário marchando até eles. Três rapazotes entraram correndo na casa incendiada. Eram os Casporras. Se haviam olhando trocando uma piscadela de cumplicidade, e sem nenhuma palavra se arremessaram como salamandras no enorme braseiro. A multidão aplaudiu ao vê-los reaparecerem levando no alto, como um santo em procissão, o tio Rabosa em sua cadeira de esparto. Abandonaram o velho sem sequer olha-lo e entraram outra vez.

– Não, não! – gritavam as pessoas.

Mas eles sorriram, seguindo adiante: iam salvar algo do interesse dos seus inimigos. Se os netos do tio Rabosa estivessem ali, eles nem teriam se mexido de casa. Mas apenas se tratava de um pobre velho a quem deveriam proteger, como homens de coração. E o povo os viam tão prestativos na rua como dentro da casa, mergulhando na fumaça, sacudindo-se as faíscas como inquietos demônios, arremessando móveis e sacos para voltar a entrar entre as chamas.

A multidão soltou um grito ao ver os dois irmãos maiores tirando o menor dos braços. Uma madeira, ao cair, lhe havia quebrado uma perna.

– Rápido, uma cadeira!

O povo, em sua precipitação, arrancou o velho Rabosa de sua cadeira de esparto para sentar o ferido.

O moço, com o cabelo chamuscado e a cara esfumaçada, sorria escondendo as agudas dores que o fazia franzir os lábios. Sentiu que umas mãos trêmulas, ásperas com as escamas da velhice, apertavam as suas.

– Meu filho! Meu filho! – gemia a voz do tio Rabosa, quem se arrastava até ele.

E antes que o pobre moço pudesse evita-lo, o paralítico buscou com a boca desdentada e afundada as mãos que tinha agarrado e as beijou, beijou inúmeras vezes, lavando-as com lágrimas.

Queimou toda a casa. E quando os pedreiros foram chamados para construir outra, os netos do tio Rabosa não os deixaram começar pela limpeza do terreno coberto de negros escombros. Antes tinham que fazer um trabalho mais urgente: derrubar a parede maldita. E, empunhando a picareta, eles deram os primeiros golpes.

1896

FIM

La pared

Siempre que los nietos del tío Rabosa se encontraban con los hijos de la viuda de Casporra en las sendas de la huerta o en las calles de Campanar, todo el vecindario comentaba el suceso. ¡Se habían mirado! . . . ¡Se insultaban con el gesto! . . . Aquello acabaría mal, y el día menos pensado el pueblo sufriría un nuevo disgusto.

El alcalde, con los vecinos más notables, predicaba paz a los mocetones de las dos familias enemigas, y allá iba el cura, un vejete de Dios, de una casa a otra, recomendando el olvido de las ofensas.

Treinta años que los odios de los Rabosas y Casporras traían alborotado a Campanar. Casi en las puertas de Valencia, en el risueño pueblecito que desde la orilla del río miraba a la ciudad con los redondos ventanales de su agudo campanario, repetían aquellos bárbaros, con un rencor africano, la historia de luchas y violencias de las grandes familias italianas en la Edad Media. Habían sido grandes amigos en otro tiempo; sus casas, aunque situadas en distinta calle, lindaban por los corrales, separados únicamente por una tapia baja. Una noche, por cuestiones de riego, un Casporra tendió en la huerta de un escopetazo a un hijo del tío Rabosa, y el hijo menor de éste, porque no se dijera que en la familia no quedaban hombres, consiguió, después de un mes de acecho, colocarle una bala entre las cejas al matador. Desde entonces las dos familias vivieron para exterminarse, pensando más en aprovechar los descuidos del vecino que el cultivo de las tierras. Escopetazos en medio de la calle; tiros que al anochecer relampagueaban desde el fondo de una acequia o tras los cañares o ribazos cuando el odiado enemigo regresaba del campo; alguna vez, un Rabosa o un Casporra, camino del cementerio con una onza de plomo dentro del pellejo, y la sed de venganza sin extinguirse, antes bien extremándose con las nuevas generaciones, pues parecía que en las dos casas los chiquitines salían ya del vientre de sus madres tendiendo las manos a la escopeta para matar a los vecinos.

Después de treinta años de lucha, en casa de los Casporras sólo quedaba una viuda con tres hijos mocetones que parecían tones de músculos. En la otra estaba el tío Rabosa, con sus ochenta años, inmóvil en un sillón de esparto, con las piernas muertas por la parálisis, como un arrugado ídolo de la venganza, ante el cual juraban sus dos nietos defender el prestigio de la familia.

Pero los tiempos eran otros. Ya no era posible ir a tiros, como sus padres, en plena plaza, a la salida de la misa mayor. La Guardia Civil no los perdía de vista; los vecinos los vigilaban, y bastaba que uno de ellos se detuviera algunos minutos en una senda o una esquina para verse al momento rodeado de gente que le aconsejaba la paz. Cansados de esta vigilancia, que degeneraba en persecución y se interponía entre ellos como infranqueable obstáculo, Casporras y Rabosas acabaron por no buscarse, y hasta se huían cuando la casualidad los ponía frente a frente.

Tal fue su deseo de aislarse y no verse, que les pareció baja la pared que separaba sus corrales. Las gallinas de unos y otros, escalando los montones de leña, fraternizaban en lo alto de las bardas; las mujeres de las dos casas cambiaban desde las ventanas gestos de desprecio. Aquello no podía resistirse; era como vivir en familia, y la viuda de Casporra hizo que sus hijos levantaran la pared una vara. Los vecinos se apresuraron a manifestar su desprecio con piedra y argamasa, y añadieron algunos palmos más a la pared. Y así, en esta muda y repetida manifestación de odio, la pared fue subiendo y subiendo. Ya no se veían las ventanas; poco después no se veían los tejados; las pobres aves de corral estremecíanse en la lúgubre sombra de aquel paredón que les ocultaba parte del cielo, y sus cacareos sonaban tristes y apagados a través de aquel muro, monumento del odio, que parecía amasado con los huesos y la sangre de las víctimas.

Así transcurrió el tiempo para las dos familias, sin agredirse como en otra época, pero sin aproximarse; inmóviles y cristalizadas en su odio.

Una tarde sonaron a rebato las campanas del pueblo. Ardía la casa del tío Rabosa. Los nietos estaban en la huerta; la mujer de uno de éstos, en el lavadero, y por las rendijas de puertas y ventanas salía un humo denso de paja quemada. Dentro, en aquel infierno que rugía buscando expansión, estaba el abuelo, el pobre tío Rabosa, inmóvil en su sillón. La nieta se mesaba los cabellos, acusándose como autora de todo por su descuido; la gente arremolinaba en la calle asustada por la fuerza del incendio. Algunos, más valientes, abrieron la puerta; pero fue para retroceder ante la bocanada de humo cargada de chispas que se esparció por la calle.

– ¡El abuelo! ¡El pobre abuelo! – gritaba la de los Rabosas, volviendo en vano la mirada en busca de un salvador.

Los asustados vecinos experimentaron el mismo asombro que si hubieran visto el campanario marchando hacia ellos. Tres mocetones entraban corriendo en la casa incendiada. Eran los Casporras. Se habían mirado cambiando un guiño de inteligencia, y sin más palabras se arrojaron como salamandras en el enorme brasero. La multitud los aplaudió al verlos reaparecer llevando en alto, como a un santo en sus andas, al tío Rabosa en su sillón de esparto. Abandonaron al viejo sin mirarle siquiera, y otra vez adentro.

– ¡No, no! – gritaba la gente.

Pero ellos sonreían, siguiendo adelante: Iban a salvar algo de los intereses de sus enemigos. Si los nietos del tío Rabosa estuvieran allí ni se habrían movido ellos de casa.

Pero sólo se trataba de un pobre viejo al que debían proteger, como hombres de corazón. Y la gente los veía tan pronto en la calle como dentro de la casa, buceando en el humo, sacudiéndose las chispas como inquietos demonios, arrojando muebles y sacos para volver a meterse entre las llamas.

Lanzó un grito la multitud al ver a los dos hermanos mayores sacando al menor en brazos. Un madero, al caer, le había roto una pierna.

– ¡Pronto, una silla!

La gente, en su precipitación, arrancó al viejo Rabosa de su sillón de esparto para sentar al herido.

El muchacho, con el pelo chamuscado y la cara ahumada, sonreía ocultando los agudos dolores que le hacían fruncir los labios. Sintió que unas manos trémulas, ásperas con las escamas de la vejez, oprimían las suyas.

– ¡Fill meu! ¡Fill meu! – gemía la voz del tío Rabosa, quien se arrastraba hacia él.

Y antes que el pobre muchacho pudiera evitarlo, el paralítico buscó con su boca desdentada y profundada las manos que tenía agarradas y las besó, las besó un sinnúmero de veces, bañándolas con lágrimas

Ardió toda la casa. Y cuando los albañiles fueron llamados para construir otra, los nietos del tío Rabosa no los dejaron comenzar por la limpia del terreno cubierto de negros escombros. Antes tenían que hacer un trabajo más urgente: derribar la pared maldita. Y, empuñando el pico, ellos dieron los primeros golpes.

1896

FIN

A condenada

Fazia quatorze meses que Rafael se encontrava na estreita cela. Tinha por mundo aquelas quatro paredes de um triste branco de osso, cujas gretas e descascaduras conhecia de memória; seu sol era uma alta janelinha, cruzada por ferros, e do solo de oitos passos, apenas era sua a metade, por culpa daquela cadeia escandalosa e barulhenta, cuja argola, incrustada em seu tornozelo, quase chegou a entranhar-se com sua carne.

Estava condenado à morte, e enquanto em Madri folheava pela última vez os papéis de seu processo, ele passava meses e meses ali enterrado em vida, apodrecendo como animado cadáver naquele ataúde de argamassa, desejando como um mal

momentâneo, que colocaria fim a males maiores, que chegasse logo a hora de lhe apertarem o pescoço, terminando tudo de uma vez.

O que mais o incomodava era a limpeza; aquele chão, varrido todos os dias e bem esfregado, de modo que a umidade, vazando pela esteira, pudesse entrar em seus ossos; aquelas paredes, nas quais nem uma partícula de poeira podia ficar. Até a companhia da sujeira foi tirada do prisioneiro. Solidão completa. Se os ratos entrassem lá, teria o consolo em repartir com eles a escassa comida e falar-lhes como bons companheiros; sim pelos cantos teria encontrado uma aranha, teria se divertido em domesticá-la.

Eles não queriam naquele túmulo outra vida além da sua. Um dia como recordava Rafael, um pardal apareceu no portão como um menino travesso. O boêmio da luz e do espaço piava como se expressasse a estranheza que produzia ver lá embaixo aquele pobre ser amarelado e magro, tremendo de frio no meio do verão, com alguns lenços atado nas têmporas e um trapo de cobertor apertado em volta dos rins. Devia ter lhe assustado aquele rosto angustiado e pálido, com uma brancura de papel mastigado; lhe causou medo a vestimenta de pele vermelha estranha, e fugiu, sacudindo as penas como se quisesse se libertar do vapor do enterro e da lã podre que exalava a grade.

O único rumor de vida era o de outros presidiários que caminharam pelo pátio. Aqueles, pelo menos, viam o céu livre acima de suas cabeças, eles não engoliam o ar através de uma brecha; suas pernas estavam livres e não lhes faltavam alguém com quem conversar. Até aí dentro tinha infortúnio suas degradações. O eterno descontentamento humano foi adivinhado por Rafael. Ele invejava aqueles do pátio, considerando sua situação como uma das mais apetitosas; os prisioneiros invejavam os de fora, os que gozavam de liberdade; e aqueles que naquelas horas em que andavam pelas ruas, talvez não se considerassem felizes com suas sortes, ambicionando quem sabe quantas coisas! ... A liberdade é tão boa! ... Eles mereciam estar presos.

Ele estava na última etapa da desgraça. Ele tentou escapar perfurando o chão em um acesso de desespero, e a vigilância pesava sobre ele incessantemente e ameaçadora. Se ele cantava, eles o silenciavam. Queria se divertir rezando com monótono cantarolar as orações que sua mãe lhe ensinou e que só lembrava em pedaços, e o fizeram calar. Ele estava tentando fingir que era louco? Vamos ver, muito silêncio. Eles o queriam manter todo o corpo e espírito saudáveis para que o carrasco não operasse na carne estragada.

Louco! Ele não queria ser; mas o confinamento, a imobilidade e aquele pequeno e ruim barracão acabavam com ele. Tinha alucinações. Algumas noites quando fechava os olhos incomodados pela luz regulatória, a que em quatorze meses ele não tinha conseguido se acostumar, ele foi atormentado pela ideia bizarra de que durante o sono seus inimigos, aqueles que queriam matá-lo e que ele não conhecia, tinham revirado seu estômago; por isso o atormentava com espetadas cruéis.

De dia pensava sempre em seu passado, mas com a memória tão extraviada, que acreditava repassar a história de outro.

Relembrava sua volta ao povoado natal, depois da primeira vez que esteve na prisão por certas lesões. Seu nome ressoava por todo o distrito, a concorrência da taverna da praça admirava-o com entusiasmo.

"Que rude Rafael é!" A melhor garota da cidade decidiu ser sua esposa, mais por medo e respeito do que por amor; os da Câmara Municipal o lisonjearam, dando-lhe uma espingarda como guarda rural, estimulando sua brutalidade a ser usada nas eleições; reinava sem obstáculos ao longo do prazo; tinha os outros, um bando que enfrentava, até que, cansados, refugiaram-se num certo homem corajoso que acabara de chegar do presídio, e o colocaram na frente de Rafael.

Cristo! A honra profissional estava em perigo: você tinha que molhar as mãos daquele indivíduo que lhe roubava o pão. E como consequência inevitável, veio a espera por espreita, a espingarda precisa e acabando com ele com a coronha para que ele não gritasse ou chutasse mais.

Enfim: coisas de homem! E, finalmente, a prisão, onde ele encontrou companheiros; o julgamento, no qual todos que anteriormente o temiam vingaram seus medos que passaram declarando contra ele: a terrível sentença e aqueles malditos quatorze meses à espera da chegada da corte de Madrid a morte, pelo tempo que se demorava, sem dúvida, vinha de carroça.

Não faltava coragem a ele. Pensava em Juan Portela, e no belo Francisco Esteban, em todos aqueles cavalheiros valentes cujas façanhas, contadas em romance, sempre ouvira com entusiasmo e se reconhecia com tanta coragem quanto eles por enfrente o último transe.

Mas algumas noites ele pulava da cama como se tivesse sido disparado por uma oculta mola, fazendo que sua corrente tocasse um barulho triste. Ele gritou como uma criança, e ao mesmo tempo ele se arrependia, querendo inutilmente abafar seus gemidos. Era outro que estava gritando por dentro dele; outro que ele não conhecia até

então, que estava com medo e choramingava, não acalmando-se até que bebeu meia dúzia de xícaras daquela inflamada infusão de alfarroba e figos que na prisão chamavam de café.

Do antigo Rafael, que desejava que a morte chegasse logo, não havia mais nada além de um envoltório. O novo homem formado dentro daquela sepultura pensava com terror que já se passaram quatorze meses, e o fim estava necessariamente próximo. De boa vontade se conformaria em passar mais quatorze meses naquela miséria.

Ele era desconfiado; pressentia que o infortúnio se aproximava; a via em todos os lugares: nas caras curiosas espiando pela janela da porta; no padre da prisão, que agora entrava todas as tardes, como se esta cela infecciosa fosse o melhor lugar para um homem conversar e fumar um cigarro. Maldoso, maldoso!

As perguntas não podiam ser mais inquietantes. Se era um bom cristão? Sim, padre. Respeitava aos sacerdotes, nunca lhes havia tratado com desrespeito, e da família não havia o que dizer, todos os seus haviam ido ao monte defender o rei legítimo, porquê assim ordenou o pároco do povoado. E para afirmar seus cristianismos, tiravam de entre os farrapos do peito sujos maços de escapulários e medalhas.

Mais tarde, o padre falou com ele sobre Jesus, que, sendo o Filho de Deus, se viu em uma situação semelhante à sua, e essa comparação entusiasmava o pobre diabo. Quanta honra!... Mas, embora lisonjeado com tal semelhança, ele gostaria que se concretizasse o mais tarde possível.

Chegou o dia em que a terrível notícia explodiu sobre ele como um trovão. Que o caso de Madrid havia terminado. A morte estava chegando, mas em grande velocidade, por telégrafo.

Quando um funcionário disse a ele que sua esposa, com a menina que havia nascido enquanto ele era prisioneiro, rondava a cadeia pedindo para vê-lo, ele não tinha mais dúvidas. Quando essa mulher saiu da cidade, era porquê aquela a coisa já estava no topo.

Eles o fizeram pensar no indulto, e ele se agarrou furiosamente a esta última esperança de todos os desgraçados. Outros não o alcançaram? Por que não ele? Também nada custava para aquela boa senhora madrilena lhe salvar a vida: tratava-se de retirar a sentença.

E a todos os agentes funerários que o visitaram por curiosidade ou por obrigação: advogados, padres e jornalistas, ele lhes perguntava, tremendo e suplicando, como se eles poderiam o salvar:

–O que vocês acham disso? Irão retirar a sentença?

No dia seguinte, eles o levariam para sua aldeia, amarrado e vigiado, como uma vaca valente que vai para o matadouro. O carrasco já estava lá com seu equipamento. E esperando o momento na saída para vê-lo, uma mulher, uma jovem morena, com lábios grossos e sobrancelhas unidas, que, ao mover sua saia cheia de babados, exalava um pungente cheiro de celeiro, passou horas na porta da prisão.

Estava meio surpreso de estar lá; em seu olhar bobo se via mais estupefação que dor; e só ao notar a criatura agarrada ao seu peito enorme ele derramou algumas lágrimas.

– Senhor! Que vergonha para a família! Ela já sabia que aquele homem acabaria assim! Quem dera que a menina não tivesse nascido!

O padre da prisão tentava consolá-la. Resignação. Ainda poderia encontrar depois da viúva, um homem que a faria mais feliz. Isso parecia animá-la e até chegou a falar com seu primeiro namorado, um bom menino, que se retirou por medo de Rafael, e agora ele se aproximava dela na aldeia e nos campos, como se quisesse dizer algo a ela.

– Não! Homens não faltam – dizia tranquilamente com uma tentativa de sorriso. Mas sou muito cristã, e se me deito com outro homem, quero que seja como Deus manda.

E ao notar o olhar de assombro do padre e dos empregados que estavam na porta, voltou à realidade, recompondo seu difícil choro.

Ao anoitecer chegou a notícia. Sim que havia um jeito. Aquela senhora que Rafael imaginava lá em Madri com todos os esplendores e adornos do Pai Eterno tem nos altares, vencida por telegramas e súplicas, prolongava a vida do sentenciado.

O indulto produziu no cárcere um estrépito de mil demônios, como se cada um dos presos houvesse recebido a ordem de liberdade.

– Mulher, alegre-se – dizia o padre atrás das grades à mulher do indultado. – Não matarão o seu marido, não será viúva.

A moça permaneceu em silêncio, como se lutasse com ideias que se desenvolviam em seu cérebro com torpe lentidão.

Certo – disse tranquilamente por fim. E quando sairá?

– Sair? Está louca? Nunca. Já pode se dar por satisfeito por salvar-lhe a vida. Irá para a África, e como é jovem e forte, ainda pode ser que viva uns vinte anos.

Pela primeira vez a mulher chorou com toda a sua alma, mas não era pranto de tristeza e sim de desespero, de raiva.

–Vamos mulher – dizia o padre irritado. – Isso é tentar a Deus. Salvaram-lhe a vida, você entende? Já não está condenado a morte... E ainda se queixa?

A moça interrompeu seu pranto. Seus olhos brilharam com expressão de ódio.

–Bom, que não o matem, me alegro. Ele se salva, mas e eu? Que será de mim?

E depois de longa pausa, acrescentou entre gemidos, que faziam estremecer sua carne morena, ardorosa e de brutal perfume:

– Aqui, a condenada sou eu.

FIM

La condenada

Catorce meses llevaba Rafael en la estrecha celda. Tenía por mundo aquellas cuatro paredes de un triste blanco de hueso, cuyas grietas y desconchaduras se sabía de memoria; su sol era el alto ventanillo, cruzado por hierros; y del suelo de ocho pasos, apenas si era suya la mitad, por culpa de aquella cadena escandalosa y chillona, cuya argolla, incrustándose en el tobillo, había llegado casi a amalgamarse con su carne.

Estaba condenado a muerte, y mientras en Madrid hojeaban por última vez los papelotes de su proceso, él se pasaba allí meses y meses enterrado en vida, pudriéndose como animado cadáver en aquel ataúd de argamasa, deseando como un mal momentáneo, que pondría fin a otros mayores, que llegase pronto la hora en que le apretaran el cuello, terminando todo de una vez.

Lo que más le molestaba era la limpieza; aquel suelo, barrido todos los días y bien fregado, para que la humedad, filtrándose a través del petate, se le metiera en los huesos; aquellas paredes, en las que no se dejaba parar ni una mota de polvo. Hasta la compañía de la suciedad le quitaban al preso. Soledad completa. Si allí entrasen ratas, tendría el consuelo de partir con ellas la escasa comida y hablarles como buenas compañeras; si en los rincones hubiera encontrado una araña, se habría entretenido dome sticándola.

No querían en aquella sepultura otra vida que la suya. Un día, ¡cómo lo recordaba Rafael!, un gorrión asomó a la reja cual chiquillo travieso. El bohemio de la luz y del espacio piaba como expresando la extrañeza que le producía ver allá abajo aquel pobre ser amarillento y flaco, estremeciéndose de frío en pleno verano, con unos cuantos pañuelos anudados a las sienes y un harapo de manta ceñido a los riñones.

Debió de asustarle aquella cara angustiosa y pálida, con una blancura de papel mascado; le causó miedo la extraña vestidura de piel roja, y huyó, sacudiendo sus plumas como para librarse del vaho de sepultura y lana podrida que exhalaba la reja.

El único rumor de la vida era el de los compañeros de cárcel que paseaban por el patio. Aquellos, al menos, veían cielo libre sobre sus cabezas, no tragaban el aire a través de una aspillera; tenían las piernas libres y no les faltaba con quien hablar. Hasta allí dentro tenía la desgracia sus gradaciones. El eterno descontento humano era adivinado por Rafael. Envidiaba él a los del patio, considerando su situación como una de las más apetecibles; los presos envidiaban a los de fuera, a los que gozaban libertad; y los que a aquellas horas transitaban por las calles, tal vez no se considerasen contentos con su suerte, ambicionando ¡quién sabe cuántas cosas!... ¡Tan buena que es la libertad!... Merecían estar presos.

Se hallaba en el último escalón de la desgracia. Había intentado fugarse perforando el suelo en un arranque de desesperación, y la vigilancia pesaba sobre él incesante y amenazadora. Si cantaba, le imponían silencio. Quiso divertirse rezando con monótono canturreo las oraciones que le enseñó su madre y que sólo recordaba a trozos, y le hicieron callar. ¿Es que intentaba fingirse loco? A ver, mucho silencio. Le querían guardar entero sano de cuerpo y espíritu para que el verdugo no operase en carne averiada.

¡Loco! No quería serlo; pero el encierro, la inmovilidad y aquel rancho escaso y malo acababan con él. Tenía alucinaciones; algunas noches, cuando cerraba los ojos, molesto por la luz reglamentaria, a la que en catorce meses no había podido acostumbrarse, le atormentaba la estrafalaria idea de que durante el sueño sus enemigos, aquellos que querían matarle y a los que no conocía, le habían vuelto el estómago al revés; por esto le atormentaba con crueles pinchazos.

De día pensaba siempre en su pasado; pero con memoria tan extraviada, que creía repasar la historia de otro.

Recordaba su regreso al pueblecillo natal, después de su primera campaña carcelaria por ciertas lesiones; su renombre en todo el distrito, la concurrencia de la taberna de la plaza admirándole con entusiasmo:

“¡Qué bruto es Rafael!” La mejor chica del pueblo se decidía a ser su mujer, más por miedo y respeto que por cariño; los del Ayuntamiento le halagaban, dándole escopeta de guarda rural, espoleando su brutalidad para que la emplease en las elecciones; reinaba sin obstáculos en todo el término; tenía a los otros, los del bando

caído en un puño, hasta que, cansados éstos, se ampararon de cierto valentón que acababa de llegar también de presidio, y lo colocaron frente a Rafael.

¡Cristo! El honor profesional estaba en peligro: había que mojar la oreja a aquel individuo que le quitaba el pan. Y como consecuencia inevitable, vino la espera al acecho, el escopetazo certero y el rematarlo con la culata para que no chillase ni patalease más.

En fin: ¡cosas de hombres! Y como final, la cárcel, donde encontró antiguos compañeros; el juicio, en el cual todos los que antes le temían se vengaron de los miedos que habían pasado declarando contra él: la terrible sentencia y aquellos malditos catorce meses aguardando que llegase de Madrid la muerte que, por lo que se hacía esperar, sin duda, venía en carreta.

No le faltaba valor. Pensaba en Juan Portela, en el guapo Francis co Esteban, en todos aquellos esforzados paladines cuyas hazañas, relatadas en romance, había escuchado siempre con entusiasmo, y se reconocía con tanto redañó como ellos para afrontar el último trance.

Pero algunas noches saltaba del petate como disparado por oculto muelle, haciendo sonar su cadena con triste repiqueteo. Gritaba como un niño, y al mismo tiempo se arrepentía, queriendo ahogar inútilmente sus gemidos. Era otro el que gritaba dentro de él; otro al que hasta entonces no había conocido, que tenía miedo y lloriqueaba, no calmándose hasta que bebía media docena de tazas de aquel brebaje ardiente de algarrobas e higos que en la cárcel llamaban café.

Del Rafael antiguo que deseaba la muerte para acabar pronto no quedaba más que la envoltura. El nuevo formado dentro de aquella sepultura, pensaba con terror que ya iban transcurridos catorce meses, y forzosamente estaba próximo el fin. De buena gana se conformaría a pasar otros catorce en aquella miseria.

Era receloso; presentía que la desgracia se acercaba; la veía en todas partes: en las caras curiosas que asomaban al ventanillo de la puerta; en el cura de la cárcel, que ahora entraba todas las tardes, como si aquella celda infecta fuera el lugar mejor para hablar con un hombre y fumar un pitillo. ¡Malo, malo!

Las preguntas no podían ser más inquietantes. ¿Que si era buen cristiano? Sí, padre. Respetaba a los curas, nunca los había faltado en tanto así; y de la familia no había qué decir; todos los suyos habían ido al monte a defender al rey legítimo, porque así lo mando el párroco del pueblo. Y para afirmar sus cristianismos, sacaba de entre los guñapos del pecho un mazo mugriento de escapularios y medallas.

Después, el cura le hablaba de Jesús, que, con ser Hijo de Dios, se había visto en situación semejante a la suya, y esta comparación entusiasmaba al pobre diablo. ¡Cuánto honor!... Pero, aunque halagado por tal semejanza, deseaba que se realizase lo más tarde posible.

Llegó el día en que estalló sobre él como un trueno la terrible noticia. Lo de Madrid había terminado. Llegaba la muerte, pero a gran velocidad, por el telégrafo.

Al decirle un empleado que su mujer, con la niña que había nacido estando él preso, rondaba la cárcel pidiendo verle, no dudó ya. Cuando aquella dejaba el pueblo, es que la cosa estaba encima.

Le hicieron pensar en el indulto, y se agarró con furia a esta última esperanza de todos los desgraciados. ¿No lo alcanzaban otros? ¿Por qué no él? Además, nada le costaba a aquella buena señora de Madrid librarle la vida: era asunto de echar una fórmica.

Y a todos los enterradores oficiales que por curiosidad o por deber lo visitaban: abogados, curas y periodistas, les preguntaba, tembloroso y suplicante, como si ellos pudieran salvarle:

– ¿Qué les parece? ¿Echará la fórmica?

Al día siguiente lo llevarían a su pueblo, atado y custodiado, como una res brava que va al matadero. Ya estaba allá el verdugo con sus trastos. Y aguardando el momento de salida para verlo, se pasaba las horas a la puerta de la cárcel la mujer, una mocetona morena, de labios gruesos y cejas unidas, que, al mover su hueca faldamenta de zagalejos superpuestos, esparcía un punzante olor de establo.

Estaba como asombrada de estar allí; en su mirada boba leíase más estupefacción que dolor; y únicamente al fijarse en la criatura agarrada a su enorme pecho derramaba algunas lágrimas.

– ¡Señor! ¡Qué vergüenza para la familia! ¡Ya sabía ella que aquel hombre terminaría así! ¡Ojalá no hubiese nacido la niña!

El cura de la cárcel intentaba consolarla. Resignación. Aún podía encontrar, después de viuda, un hombre que la hiciese más feliz. Esto parecía enardecerla, y hasta llegó a hablar a su primer novio, un buen chico, que se retiró por miedo a Rafael, y que ahora se acercaba a ella en el pueblo y en los campos, como si quisiera decirle algo.

–No; hombres no faltan –decía tranquilamente con un conato de sonrisa–. Pero soy muy cristiana, y si cojo otro hombre, quiero que sea como Dios manda.

Y al notar la mirada de asombro del cura y de los empleados de la puerta, volvió a la realidad, reanudando su difícil lloro.

Al anochecer llegó la noticia. Sí que había fórmica. Aquella señora que Rafael se imaginaba allá en Madrid con todos los esplendores y adornos que el Padre Eterno tiene en los altares, vencida por telegramas y súplicas, prolongaba la vida del sentenciado.

El indulto produjo en la cárcel un estrépito de mil demonios, como si cada uno de los presos hubiese recibido la orden de libertad.

-Alégrate, mujer -decía en el rastrillo el cura a la mujer del indultado-. Ya no matan a tu marido, no serás viuda.

La muchacha permaneció silenciosa, como si luchara con ideas que se desarrollaban en su cerebro con torpe lentitud.

-Bueno -dijo al fin tranquilamente-. ¿Y cuándo saldrá?

- ¡Salir!... ¿Estás loca? Nunca. Ya puede darse por satisfecho con salvar la vida. Irá a África, y como es joven y fuerte, aún puede ser que viva veinte años.

Por primera vez lloró la mujer con toda su alma, pero su llanto no era de tristeza; era de desesperación, de rabia.

-Vamos, mujer -decía el cura, irritado-. Eso es tentar a Dios. Le han salvado la vida, ¿lo entiendes? Ya no está condenado a muerte... ¿Y aún te quejas?

Cortó su llanto la mocetona. Sus ojos brillaron con expresión de odio

-Bueno; que no lo maten...; me alegro. Él se salva; pero yo, ¿qué?...

Y, tras larga pausa, añadió entre gemidos, que estremecían su carne morena, ardorosa y de brutal perfume;

-Aquí, la condenada soy yo.

FIN

REFERÊNCIAS

IBÁÑEZ, Vicente Blasco. “La condenada”, 1903. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000041.pdf>. Acesso em: 17 set.
2020

_____. “La pared”, 1896. Disponível em: Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000043.pdf> . Acesso em: 15 ago.
2020.